

## COLETIVOS URBANOS E A TRANSFORMAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO O caso da Praça Cultural Francisco das Chagas Junior em Teresina-PI

### **URBAN COLLECTIVES AND THE TRANSFORMATION OF PUBLIC SPACE** *The case of Francisco das Chagas Junior Cultural Square in Teresina-PI*

**A. Lucas César Santana Ferreira & B. Gabriela de Souza Tenório**

*Universidade de Brasília, Brasil  
lucascezarferreira@gmail.com  
gabrielastenorio@gmail.com*

#### RESUMO

Este artigo analisa como que coletivos urbanos podem inspirar o governo e terem suas reivindicações acatadas, provocando a transformação dos espaços públicos. Investigou-se até que ponto o esforço governamental em investir nas transformações dos lugares podem os tornar bem-sucedidos. Através de uma metodologia de avaliação dos espaços públicos, em que são apontados os elementos e atributos que contribuem para a apropriação do lugar, estudou-se o caso da Praça Cultural Francisco das Chagas Junior, em Teresina-PI. Lugar obsoleto embaixo da Ponte JK, fora ocupado por eventos do Coletivo Salve Rainha até receber uma intervenção urbana numa parceria entre município e estado. Constatou-se que o novo ambiente se consagra apenas como local de eventos programados, não possuindo uma vitalidade cotidiana. Apesar da boa intenção governamental em promover melhores espaços públicos para a cidade, o projeto avaliado careceu de uma maior compreensão do contexto local e global para que sua transformação tivesse apropriação fomentada.

**Palavras-chave:** espaço público, coletivos urbanos, intervenção urbana, Teresina-PI.

**Linha de investigação:** 3: Dinâmicas Urbanas.

**Tópico:** Urbanismo insurgente e coletivos urbanos.

#### ABSTRACT

This paper discusses how urban collectives can inspire the government and have their demands accepted, achieving the transformation of public spaces. It was investigated to what extent the government's effort investing in urban intervention can bring success to places. Under an methodological approach, which it points out attributes and elements that contribute to the daily appropriation of the place, the case of Francisco das Chagas Junior's Cultural Square, in Teresina-PI, was analysed. From an obsolete place under the JK Bridge, the place received an intervention in a partnership between the municipality and the state, after it had been occupied by events of the urban collective Salve Rainha. The research showed that the new

environment is only used as a place for scheduled events, not having a daily vitality. Despite the government's good intention to promote better public spaces, the evaluated project lacked greater understanding of local and global context in order for the appropriation to be encouraged.

**Keywords:** public space, urban collectives, urban intervention, Teresina-PI.

**Thematic clusters:** 3: Urban Dynamics. Topic: Insurgent urban planning and urban collectives.

## Introdução

Diante dos conflitos e desafios urbanos, novas formas de organização social têm insurgido como protagonistas de transformações nas cidades. Impulsionados por diferentes premissas e anseios, esses movimentos conseguem levantar discussões sobre os problemas urbanos. Quando tratam do fomento à cultura e questionam as políticas públicas que a promovem, coletivos artísticos têm tido êxito em inspirar o poder público a efetivar a modificação dos espaços públicos, locais propícios para que esta tenha maior alcance.

A cultura é importante para a humanidade e é prevista como um direito na constituição federal brasileira. O seu acesso, apoio e incentivo é determinado no § 3º do Art. 215 da Carta Magna (1988), que determina a criação do Plano Nacional de Cultura - PNC. Instituído em 2010 pela Lei nº 12.343, o PNC trata do planejamento e da implementação das políticas públicas para fomento à cultura (BRASIL, 1988). Em 2017, foi publicado um relatório do monitoramento de suas metas, dentre elas a evolução do repasse de recursos públicos federais para as regiões brasileiras. A região Nordeste (gráfico 01), de 2011 a 2017, teve um decréscimo de 10% no número de municípios fomentados para cultura local, tendo apenas 12% de municípios com fomento (Brasil, 2018).

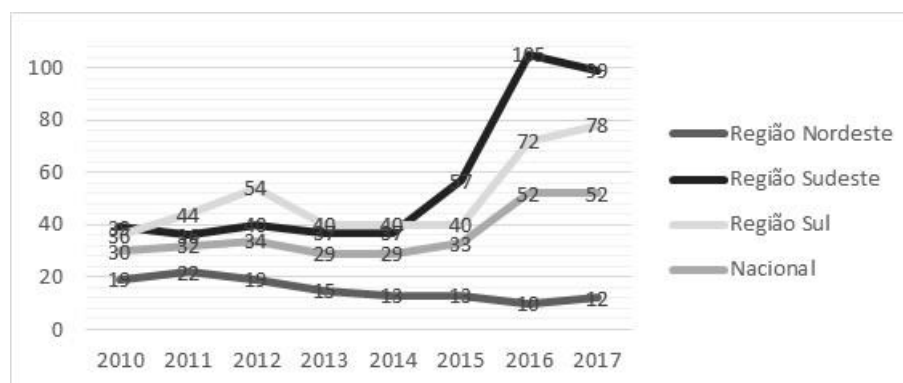


Gráfico. 01 Porcentagem de municípios fomentados com recursos públicos federais. Fonte: (BRASIL, 2018), adaptado pelos autores.

É nessa conjuntura de redução de repasses econômicos que o atual estado da cultura, sua produção e consumo encontra-se: desequilibrado e fragmentado. Quando comparado a regiões Sul e Sudeste, o número de municípios quase que dobrou no mesmo período. Esse panorama nacional é um indicativo do obstáculo que governos municipais e estaduais podem deparar-se. O financiamento para a gerência da cultura local sofre com um orçamento mais reduzido e de grandes variações, fazendo com que muitos programas e projetos regionais não recebam o devido apoio.

Diante do exposto, a estruturação do fomento à cultura é uma pauta de reclamação e anseio da população. Como resposta a escassez desses investimentos, a sociedade, principalmente os grupos artísticos,

organizam-se como manifesto à essa questão. Na contemporaneidade, a expressão desse manifesto tem acontecido na reflexão dos espaços livres da cidade.

Desde a década de 1940, os lugares que recebiam a arte e guardavam suas expressões, como galerias e museus vêm sendo questionados. Cartaxo (2009) indica que, nesse momento, a busca dos artistas em aproximar suas obras do mundo externo é uma pauta fortificada na pós-modernidade. A reavaliação do edifício ou instituição que abriga a arte promove novas expressões em locais abertos (como ruas, praças e parques), em locais de outras funcionalidades (como mercados, hospitais) ou até mesmo em locais sem uso (como prédios abandonados).

Nesse contexto de reivindicação e reflexões artísticas, surge o Coletivo Salve Rainha na capital do Piauí, Teresina. Formado por estudantes e artistas, durante 4 anos o grupo realizou ocupações eventuais em locais subutilizados ou ociosos, abandonados seja pelo poder público seja pela sociedade civil. Transformando esses lugares em palco para exposições, performances e ambiente para fruição e lazer noturno, o coletivo conduziu a cena alternativa da cidade, fugindo do padrão cultural existente (Moura, 2019).

Devido ao sucesso dos eventos, um dos lugares ocupados sofreu uma transformação a partir de um projeto de intervenção urbana, realizado pelo poder público. A praça cultural Francisco das Chagas Junior, localizada embaixo da Ponte Juscelino Kubistchek, foi inaugurada em 2017, e hoje faz parte do futuro Complexo Cultural da Ponte JK que contará com 3 praças - uma ainda em processo de concessão.

Entendendo a constituição dos coletivos urbanos, suas reivindicações culturais e possíveis atos governamentais, questiona-se: até que ponto o esforço na qualificação dos espaços públicos realmente os torna bem-sucedidos em termos de vitalidade urbana? Sob critérios metodológicos desenvolvidos por Tenório (2012), que aponta atributos e elementos que contribuem para apropriação cotidiana do lugar, importante para seu desempenho, estudou-se a praça supracitada.

Por meio de levantamentos, observações in loco e análises documentais, investigou-se a apropriação cidadina do local. Primeiro, seus sujeitos e atividades foram observados, registrados e analisados. Constatando-se a baixa apropriação social cotidiana, avaliou-se os atributos de configuração da praça, em seu contexto local e global, para correlacionar seu desempenho com a intervenção recentemente realizada, e levantar quais aspectos devem ou deveriam ser importantes para seu projeto e implementação. Intencionava-se, com esta investigação, chamar a atenção para que as novas intervenções realizadas pelo governo não prescindam de um estudo aprofundado das características do local e de seu uso pela população, sob pena de não serem efetivas.

## **1. Coletivos urbanos e o espaço público**

### **1.1. Movimentos socioculturais urbanos**

Segundo Kowarick (1987), os movimentos sociais urbanos no Brasil só tiveram investigações e publicações significativas a partir da década de 1970. As primeiras análises tratam de movimentos reivindicatórios sobre a situação habitacional, os bens de consumo coletivos e a segregação social nas grandes cidades. Com o processo de democratização, os estudos avançaram e as abordagens puderam compreender novas questões de reivindicação. Entretanto, o autor já salienta que as organizações sociais e suas lutas não começaram quando a literatura se debruçou sobre seus processos. Constam registrados mesmo antes da década de 1960, de forma menos expressiva, inúmeros conflitos urbanos entre a população e o Estado.

Apenas anos mais tarde é que foi compreendida a identidade cultural dessas organizações e a força de sua estrutura coletiva.

Em proposição de iluminar o entendimento dos movimentos urbanos na América Latina, Duhram (1984) destaca o papel das associações de bairros como potenciais transformadores da ordem hegemônica. Devido à formação de identidade cultural dos seus moradores (manifestantes), que como excluídos enxergam-se como iguais, suas mobilizações produzem experiências de ação e pensamento que ganham imaginário político. É desta visão, que os valores, as aspirações e utopias levam os movimentos sociais ao campo cultural (Kowarick, 1987).

Hall (1997) defende que as ações sociais expressam e comunicam um significado, pontuando que toda ação social é cultural. Nesse sentido, a cultura paira na centralidade do conjunto das ações, sejam políticas, econômicas ou educacionais. Para as Ciências Sociais, a cultura na verdade tange e atravessa todos os conjuntos da vida cotidiana, e é por meio de seus sistemas e códigos que sua interpretação e formação se torna possível (Hall, 1997).

Botelho (2001) descreve duas dimensões da cultura: antropológicas e sociológicas. Enquanto a primeira é o manifesto e a expressão do indivíduo ou do seu coletivo, fruto do imaginário ou reflexo da realidade, a segunda é a institucionalização, ou organização que gera visibilidade e estrutura. Entender essa diferença, segundo a autora, é um começo para visualizar a destinação de recursos econômicos e de incentivos públicos.

Atualmente, a dimensão sociológica da cultura, ou seja, sua organização ocorre de forma mais flexível, onde articulam-se criações, vivências, opiniões e experiências em proposições coletivas. Grupos de artistas têm buscado atuar de forma mais conjunta, explorando a criatividade de maneira democrática e livre, denominando-se assim de coletivos artísticos (Paim, 2007). A colaboração é premissa para as integrações entre os movimentos e o espaço da cidade.

Segundo Paim (2007: 1), a insurgência dessa nova maneira de se organizar artisticamente busca promover “situações de confluência entre reflexão e produção artística e questionamentos sobre o papel do artista”. Quando aplicado ao espaço de ocupação dessa nova expressão, Fortuna (2002: 138) destaca o quanto estes espaços sociais são relacionais e aproximam os indivíduos à “imaginação e produção pessoal e coletiva, como, por exemplo e entre outros, os espaços da nossa memória identitária como os complexos históricos e monumentais das nossas cidades”. Logo, refletir a cultura e arte na contemporaneidade fora do edifício privado e dentro dos lugares públicos reestrutura também a carga simbólica tão importante para apropriação dos espaços.

## **1.2. O espaço público na contemporaneidade**

Ao longo de décadas, tem-se discutido a importância dos espaços livres da cidade, principalmente aqueles que constituem e possibilitam a interação social. Como discerne Cardoso (2006: 34), o espaço público “é um lugar de demonstração de poderes, onde os habitantes aprendem a aceitar e, às vezes, a encarar as diferenças que os separam. Contudo, mencionar o espaço público é, especialmente, fazer referência ao lugar de aprendizagem e tolerância, da coabitação e do respeito com o cidadão”.

Mesmo reconhecendo-se o valor desses espaços dentro da configuração das cidades, muitos deles têm sido abandonados pela sociedade e têm sido negligenciados pelas ações governamentais. Atualmente, é característico de grandes centros urbanos o esvaziamento das atividades e a consecutiva marginalização de praças, parques, centros históricos etc, provocados por um modelo de crescimento ineficiente e

desordenado, que não considera as dinâmicas urbanas. Logo, questiona-se até que ponto esses ambientes são desejáveis para a população e como eles poderiam contribuir para melhor qualidade de vida.

Serpa (2014) tece a validade de que os espaços públicos são elementos primordiais para a boa vida cotidiana. Segundo o autor, ao longo do tempo, foram espaços de representações de poder e foram palco de questionamentos sociais. São eles na cidade contemporânea responsáveis não só pelo lazer, fruição e contemplação, mas também pelas expressões culturais devendo ser os lugares mais acessíveis para participação e manifesto popular.

Relacionado a atenção especial que esses lugares requerem, Jan Gehl, Jane Jacobs, Frederico Holanda, e outros, desenvolveram conceitos voltados à promoção da vida pública, apontando de que maneira as características do lugar, seu contexto, seus agentes e seus usos podem contribuir para tal. O conceito de urbanidade surge nessa discussão e é ponto em comum entre esses autores. O conjunto das interações presenciais, a presença da livre manifestação, das ações programadas ou espontâneas, da negociação e do compartilhamento dos mesmos espaços físicos dizem respeito a vida pública e sua vitalidade na configuração urbana (Tenorio, 2012).

Tenorio (2012) atenta que apenas o intuito de construir um lugar vivo não é suficiente, sendo necessário compreender a relação entre seu desenho e seu uso. A autora defende que, por meio da observação mais profunda quanto ao comportamento das pessoas que vivenciam estes lugares, é possível conhecê-los, e então compreender quais atributos de sua configuração poderiam ser manipulados para que se possa alcançar um melhor desempenho quanto à apropriação cotidiana.

Para isso, criou uma metodologia de avaliação dos espaços públicos, na qual elenca itens que contribuem para sua vitalidade. Dentre eles, os sujeitos e suas atividades são os principais termômetros da vitalidade espacial. Se há gente, diversa, em diferentes grupos, passando ou permanecendo, é o primeiro indicador de um local bem sucedido. A partir daí, seus elementos configuracionais, em âmbito global e local, irão dizer por que seu desempenho é bom ou ruim. As atividades da região, a densidade, a mobilidade, a integração ao tecido da cidade, o conforto, a manutenção, a simbologia são itens verificáveis para compreender o contexto do lugar.

Os espaços públicos são determinantes para a expressão da cidadania e por isso sua apropriação é relevante para o bem viver social. Apesar de a literatura fornecer diferentes maneiras de levantar a vida pública desses locais, ainda se vê- dispêndio de energia e dinheiro público na construção de espaços incipientes e inadequados ao contexto em que estão inseridos e ineficientes para esses propósitos. Por isso, a necessidade da aplicabilidade dessas investigações para que novos e melhores espaços possam ser tratados e apropriados pela população.

## **2. Teresina – PI e o Coletivo Salve Rainha**

Teresina (figura 01), foi fundada em 1852, por meio de um plano urbanístico e nasceu designada a ser a capital do estado do Piauí. Sua localização estratégica, às margens do Rio Parnaíba, facilitava a comercialização no interior do continente, principalmente entre os estados do Maranhão e Ceará (Teresina, 2018). Teve um grande crescimento urbano em meados da década de 1940, tendo expandido sua área central rumo ao Rio Poti, na direção leste, ganhando mais praças e aumentando o acervo de edificações de estilo eclético.

A capital alcança mais de 80% da sua população vivendo em área urbana apenas na década de 1970. Inicia-se a partir daí nova extensão do território. Na zona leste, a implementação da Universidade Federal

impulsionou a ocupação além do Rio Poti, onde pessoas de maior poder aquisitivo foram morar. Nas décadas seguintes, a região passa a ter um contexto urbano de maior vitalidade econômica, aglutinando comércio e serviços, consagrando-se como a nova centralidade da cidade. Segundo Cardoso (2006), nesse momento a paisagem urbana modifica-se, e o Rio Parnaíba - e o Centro - não são mais tão vivenciados por aquelas pessoas que foram morar na zona leste. Concomitante, na zona sul, surgem novos bairros para correção do déficit habitacional para pessoas de menor renda.

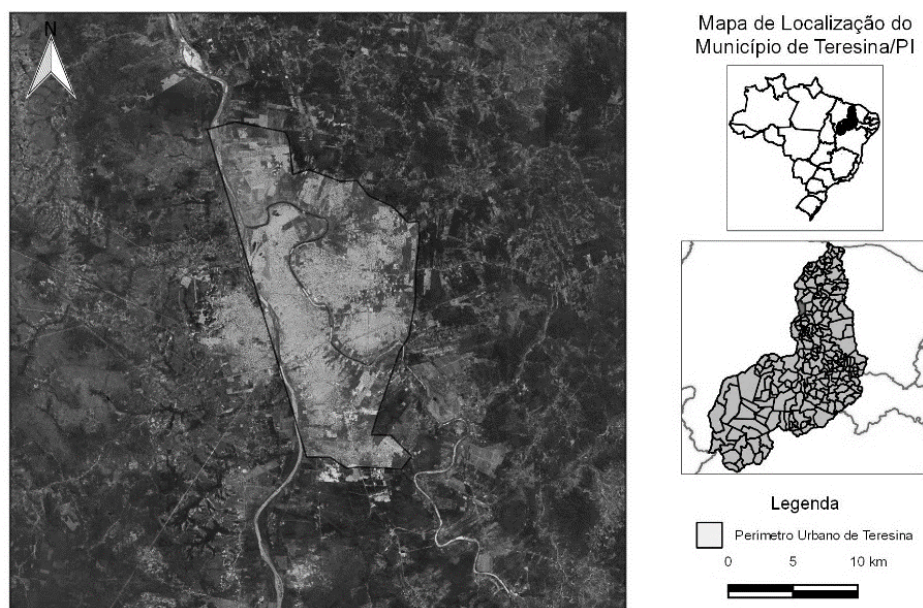


Fig. 01 Localização do Município de Teresina-PI. Fonte: Google Earth, elaborado e adaptado pelos autores.

O distanciamento do centro passa a ser característica na produção do espaço urbano de Teresina, e seu contexto de desvalorização começa a surgir. Durante as décadas de 1980, 1990 e 2000, mais bairros são criados na franja da expansão urbana, implantando-se diversos loteamentos, principalmente do Programa Minha Casa Minha Vida. Essa articulação da evolução da cidade, sua configuração espacial e interações sociais remete ao que Villaça (2001) descreveu sobre como o deslocamento da elite carrega consigo as principais funcionalidades do território. A expansão leste fundou uma nova centralidade econômica oposta ao centro original, que passa atualmente por um processo de esvaziamento de atividades e consequente marginalização dos seus espaços públicos.

A questão cultural, simbolicamente ligada ao acervo do patrimônio edificado do bairro Centro, acaba sofrendo com o abandono por parte da população, que dificilmente enxerga o seu aspecto histórico, e com a negligência do governo municipal com suas políticas de preservação. É comum encontrar inúmeras casas ecléticas e edifícios modernos em ociosidade ou destruídos para a instalação de estacionamentos privados. Esse contexto tem gerado debates e manifestações que exigem novas maneiras de preservar os bens culturais e de promover seus usos.

É na classe artística que essa voz se tem feito mais forte. Autodenominado como uma “tecnologia social de valorização do patrimônio cultural de Teresina”, o Coletivo Salve Rainha surgiu em 2014 quando o artista Francisco das Chagas Junior uniu amigos e colegas que tinham em comum o interesse pela arte. Ansiando o desenvolvimento da cultura local, criaram um Café Sobrenatural itinerante, que unia a gastronomia com a arte popular (Moura, 2019). Por 4 anos, produziram temporada de eventos temáticos, que aconteciam aos

domingos no decorrer de um mês, ocupando espaços ociosos com um bar, instalações artísticas, exposições, performances e shows (figura 02). A cada nova temporada novos artistas se apresentavam conquistando mais visitantes e reconhecimento.



Fig. 02 Mapeamento das ocupações do Coletivo Salve Rainha com imagens do local durante o dia e durante o evento. Fonte: Google Street View e redes sociais oficiais do Coletivo, elaborado e adaptado pelos autores.

Durante o primeiro ano, o Coletivo ainda batalhava para ter suas ocupações reconhecidas enfrentando dificuldades inclusive para aprovação de suas licenças de uso do espaço, necessárias para a regularidade

dos eventos. Ações como essas não eram tão comuns na cidade, e o governo municipal receava que o movimento importunasse a ordem social. Ainda assim, conseguiram autorização e apoio, mas apenas em 2015, quando decidiram ocupar o espaço embaixo da Ponte JK, que de fato conquistaram maior repercussão das suas atividades e dali em diante foram abraçados por parte da sociedade. Suas feiras itinerantes contavam não apenas com a arte local, como também com a presença de ambulantes, e até mesmo microempreendedores, que se aproveitavam do movimento para vender seus produtos.

Em 2016, foi inaugurado o Parque da Cidadania, antes um terreno vazio lindeiro a Av. Frei Serafim na área central. O parque urbano exerce hoje grande importância para prática do lazer esportivo e contemplativo da cidade, possuindo inclusive quiosques de alimentação. Um desses fora doado pela prefeitura, ainda na inauguração, para endereçamento fixo do Café Sobrenatural Salve Rainha. Mesmo com um ponto permanente, em 2017, o Coletivo continuou a realizar ocupações em áreas “esquecidas” da cidade, como a Praça Saraiva no Centro e o Sanatório Meduna na zona Norte.

Apesar de locado em uma região mais central, o Parque possui pouco movimento diurno, sendo mais comum a circulação de pessoas no período noturno, finais de semana ou quando há eventos programados. Em 2018, o Coletivo finalizou suas atividades devido à falta de policiamento no Parque, onde sofreram consecutivos assaltos.

A trajetória do coletivo ressignificou diferentes lugares abandonados, como praças, ruas e edifícios - não apenas do centro, como também de outros bairros - à medida em que também deu visibilidade aos artistas da terra. Seu papel perante a cultura regional foi tamanho, que conseguiram apoio dos governos municipais e estaduais, inspirando-os a transformar em uma praça um dos seus locais de ocupação: o espaço embaixo da Ponte JK.

### **3. Estudo de caso: praça cultural Francisco das Chagas Junior**

#### **3.1 A ocupação do coletivo e a transformação do lugar**

A ponte JK é a principal da cidade, ligando a Av. Frei Serafim, na região central, à Av. João XXIII (também BR 343), na zona leste (figura 03). Durante muitos anos, às margens do Rio Poti, na avenida Marechal Castelo Branco, o espaço embaixo da ponte fora designado para floristas. Durante o horário comercial notava-se certa vitalidade econômica e movimento na região, principalmente pela prática da caminhada nas calçadas paralelas à mata do Rio.

Com a aprovação do Plano Diretor de Mobilidade Urbana em 2008, a ponte ganharia mais faixas carroçáveis, destinadas exclusivamente aos ônibus, conectando-a ao novo sistema de integração Bus Rapid Transit – BRT. Em 2015, iniciaram-se as obras. Os floristas foram retirados e realocados para alguns metros distantes dali, permanecendo na margem do rio. O mesmo ocorreu com algumas carnaúbas e outras árvores que ali tinham e foram replantadas em outra área. A alteração dessa paisagem urbana (figura 04) gerou polêmicos debates entre os defensores da preservação ambiental, os profissionais do direito urbanístico e os responsáveis pela obra (município e estado).

Nesse momento a ponte foi apelidada de “Ponte do Meio”, e em meio às manifestações populares, o Coletivo Salve Rainha decidiu ocupar o espaço localizado ali embaixo, já que ele se tornou ocioso e símbolo das questões urbanas. A intenção era “formatar um ambiente de galeria, palco, feira integrado com o espaço natural da Chapada do Corisco e voltar o olhar pro rio que pouco é percebido, e muito negligenciado em Teresina” (Entre Cultura, 2016).



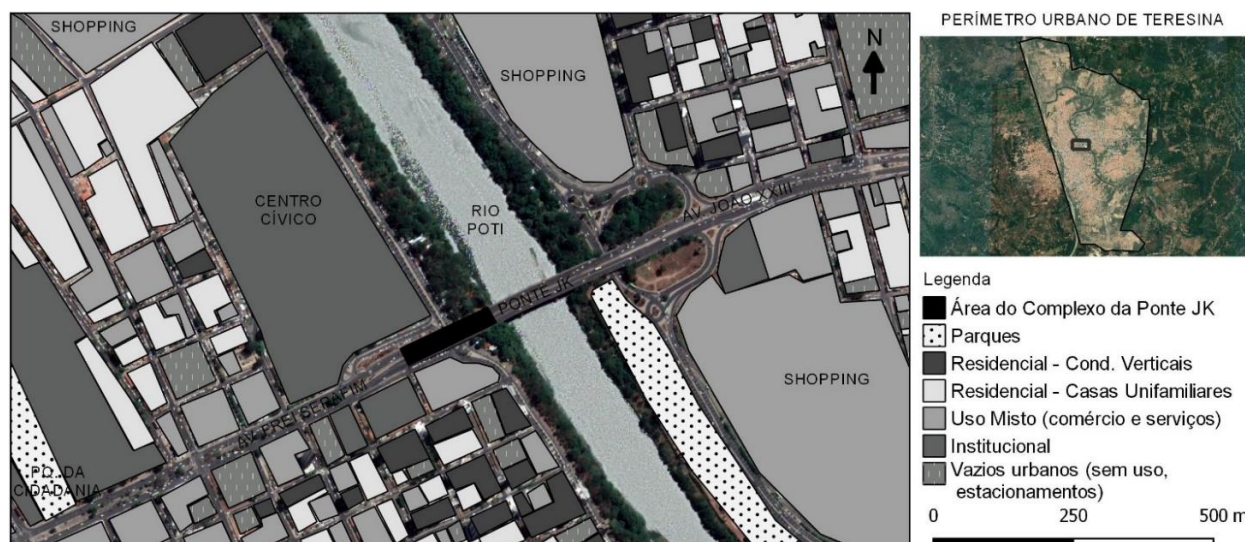


Fig. 03 Mapa de Uso e Ocupação do Solo da proximidade da Pça. Cultural. Fonte: Google Earth 2019, elaborado e adaptado pelos autores.

Realizaram então duas temporadas de eventos, em abril e maio dos anos de 2015 e 2016, consagrando de vez suas ocupações. Foram os eventos com maior número de pessoas. O sucesso foi tamanho que município e estado transformaram o local. Em 2017, foi inaugurada juntamente com as novas vias da ponte, a Praça Cultural Francisco das Chagas Junior, um local para eventos, com anfiteatro, decorado com grafites e muitas cores nas faces das suas estruturas, que tem cerca de 1.690m<sup>2</sup> (Portal O Dia, 2017). Essa seria a primeira praça do projeto do Complexo Cultural da Ponte JK, que em 2018 ganhou uma nova praça locada a frente da anterior, com quiosques onde funcionam bares e restaurantes, com 3.790,00m<sup>2</sup>; e que contará com uma terceira, ainda a ser construída, localizada na margem oposta do Rio Poti.



Fig. 04 Cronologia do uso e ocupação do espaço embaixo da Ponte JK: 2012 com floristas, 2015 durante a reforma, 2016 com ocupação do coletivo, 2019 após a revitalização. Fonte: Google Street View, rede social do Coletivo Salve Rainha, acervo pessoal, elaborado e adaptado pelos autores.

### 3.2 Análise e discussão do lugar após a intervenção

A provocação do coletivo artístico em dar um novo olhar para o local resultou em um espaço público de grande apelo visual e simbólico. A praça cultural hoje é ponto de realização de eventos, geralmente noturnos, organizados por grupos culturais, como o Baile Afro Samurai e blocos carnavalescos. Todavia, como pontuado anteriormente, o bom desempenho sociológico dos lugares públicos é calibrado quando este é

apropriado de maneira cotidiana, durante grande parte do dia, e é frequentado por pessoas diversas realizando uma variedade de atividades.

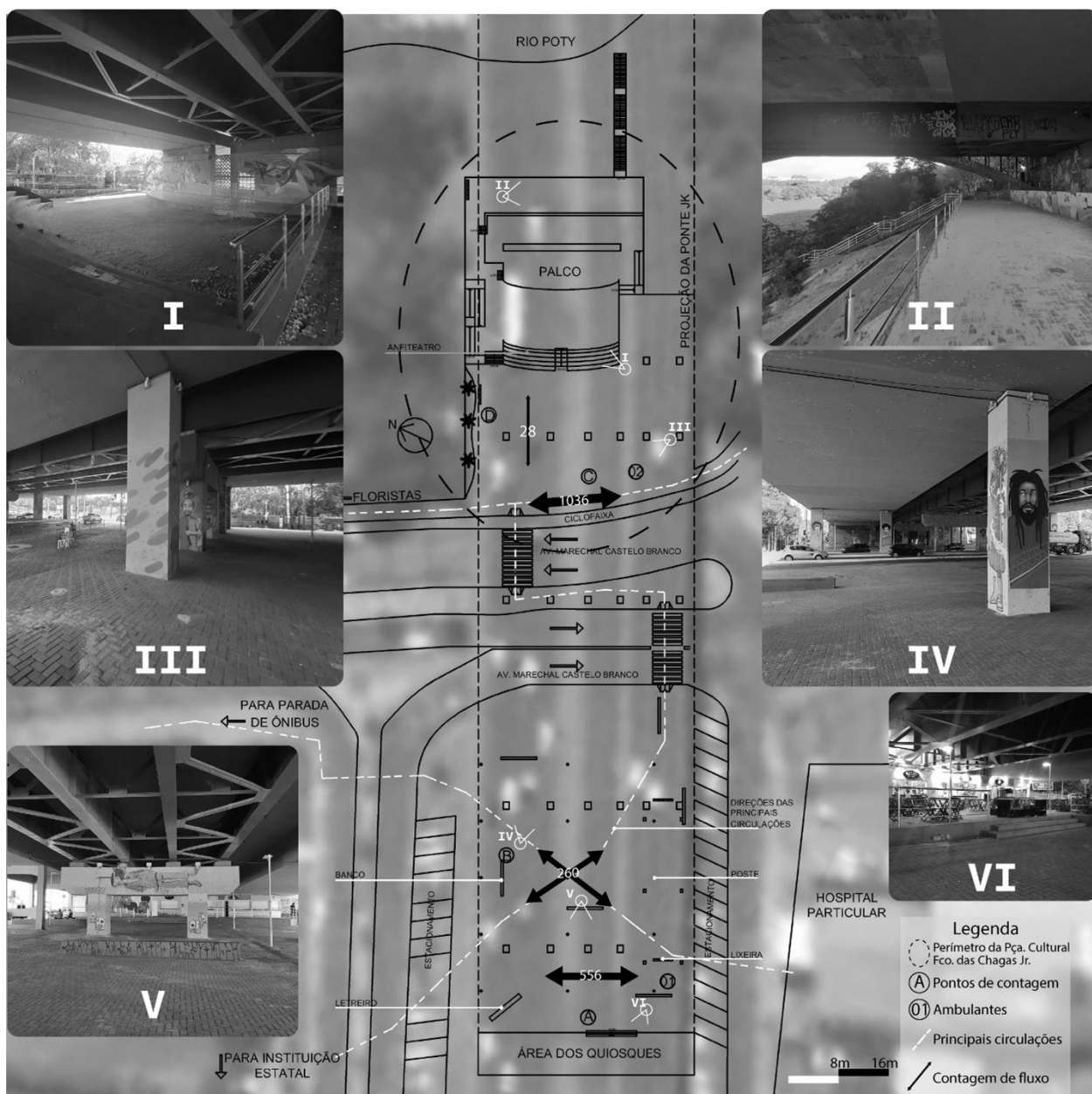


Fig. 05 Levantamento da Pça. Cultural. Fonte: Google Earth 2019 e acervo pessoal, elaborado e adaptado pelos autores.

Dessa forma, foi aplicada a metodologia desenvolvida por Tenorio (2012), onde in loco observou-se os sujeitos e as atividades, sistematizados na figura 05 e avaliados na tabela 01. Verificou-se, no dia 19 de dezembro de 2019 (quinta-feira), que há poucas pessoas permanecendo no local, sendo lugar de passagem de pedestres com maior quantidade em horários de pico, principalmente praticando caminhada (pontos C e D). Em contraponto, a praça à frente, onde se localizam os quiosques, apresentou desempenho um pouco

superior, com mais pessoas passando durante o dia, em diferentes horários (pontos A e D). Essas pessoas circulavam em direção à parada de ônibus da Av. Marechal Castelo Branco ou ao hospital particular na Av. Frei Serafim (ver linhas tracejadas).

Registrou-se também a presença de 2 ambulantes vendendo alimentos e bebidas: um na parte da manhã, em frente ao hospital, e outro na parte da tarde, próximo ao local da prática de caminhada (pontos 01 e 02 respectivamente na fig. 05). Além deles, houve presença de guardas de trânsito no período do meio-dia ao começo da noite (ponto 03). O uso dos bancos existentes foi ínfimo. Notou-se apenas um grupo de 4 pessoas na praça dos quiosques, e 2 sentadas (aparentemente descansando da caminhada) nos bancos da Praça Cultural. Ao constatar a menor passagem para a parte interior da praça e a ínfima permanência no local, conclui-se que sua apropriação é incipiente.

Seguindo a metodologia da autora, os atributos e elementos configuracionais de escala global e local podem justificar a observação e orientar o monitoramento de suas melhorias - assim como pode contribuir para o projeto da 3ª praça a ser construída na outra margem do Rio Poti.

Averiguou-se que, nos atributos globais, a vizinhança imediata tem disponível espaço livre de grandes dimensões, o que dificulta enxergá-lo cheio, mesmo possuindo atividades variadas bem distribuídas e tendo boa integração espacial no tecido urbano. Há habitações próximas, tipicamente de edifícios de apartamentos de alto padrão, com boa densidade, ainda mais se somada às casas unifamiliares. Todavia, condomínios prediais caracterizam uma vizinhança mais fechada para si, que pouco costuma usufruir do espaço público da cidade. Quanto à mobilidade, há poucos pontos de ônibus; as ciclovias existem apenas na Av. Marechal Castelo Branco (ausente nas demais ruas perpendiculares ou paralelas) e os pedestres se locomovem por estreitas calçadas nas quadras próximas. O acesso mais fácil se dá por meio do transporte particular.

Quanto à esfera local, a Praça Cultural tem boa localização e integração, com limites bem definidos, entendendo-se bem seu confinamento embaixo da ponte. Confinamento este que impossibilita a presença de mais portas e janelas virados para ela - apenas o hospital particular na lateral da praça e os quiosques da praça a frente possuem aberturas para o local, essas distando, respectivamente, cerca de 80 e 100m -, o que não auxilia na vigilância informal e na alimentação do local pela circulação de pessoas entrando e saindo de edificações. Dentro do seu perímetro, não há edifícios construídos, como quiosques ou outro tipo de tipologia que poderiam dar complementariedade ao contexto existente. Apesar da circulação favorável para a prática da caminhada, ela só acontece na extremidade da praça. Em seu interior, há um grande desnível para a área do palco/arquibancada, necessário para a função do anfiteatro, mas que interrompe a circulação e a visibilidade ao rio (principalmente pela parede que separa o palco do seu "backstage", ver ponto 01 da figura 5).

Quanto ao conforto, há boa sensação térmica devido ao sombreamento proporcionado pela ponte, mas sonoramente é prejudicado pela grande passagem de carros nos horários de pico e pouco iluminado na parte noturna. O custo de implantação de quase R\$ 2mi é elevado, tratando-se de um espaço que recebeu poucos elementos estruturais e complementares. Quanto à manutenção, notou-se que em pouco mais de 2 anos da inauguração já existem aspectos de deterioração, principalmente nos assentos do anfiteatro e na descoloração dos grafites.

Em aspectos de identidade e orientação, o local tem bom desempenho, distinguindo-se do contexto dali, o que valoriza seus aspectos simbólicos e afetivos - principalmente para as pessoas que participaram dos eventos do Coletivo. A homenagem ao fundador do movimento também é algo tocante devido ao seu

falecimento trágico num acidente de carro que comoveu a cidade, o que fortalece a premissa simbólica da praça e seu significado como uma conquista para a cena cultural local.

SUJEITOS			
1	numero de pessoas		
2	variedade de pessoas	2.1	género
		2.2	faixas etárias
		2.3	classes sociais
		2.4	pres. de grupos
3	distribuição das pessoas no tempo		
ATIVIDADES			
4	passagem		
5	permanência	5.1	número
		5.2	duração
6	encontros	6.1	ocorrência
7	manutenção e vigilância	7.1	ocorrência
8	demais atividades	8.1	número
ATRIBUTOS DA VIZINHANÇA			
9	espaço livre público	9.1	quantidade
		9.2	dimensões
10	integração		
11	atividades	11.1	variedade
		11.2	distribuição
		11.3	complementar.
		11.4	distr. temporal
12	habitação	12.1	variedade
		12.2	distribuição
		12.3	densidade
13	mobilidade	13.1	pedestres
		13.2	ciclistas
		13.3	transp. público
		13.4	transp. privado
ATRIBUTOS DO LUGAR E SEUS LIMITES			
14	localização		
15	limites e dimensões	15.1	clareza limites
		15.2	dimensões
16	tipos de edificio		
17	portas e janelas	17.1	espaços cegos
		17.2	núm. de portas
		17.3	rel. públ/priv.
		17.4	front. suaves
		17.5	janelas
18	piso		
19	acesso e circulação	19.1	transp público
		19.2	pedestres cicl.
		19.3	conexões
		19.4	circulação
20	atividades nos limites e arredores do lugar	20.1	variedade
		20.2	distr. espacial
		20.3	complementar.
		20.4	distr. temporal
21	atividades no lugar	21.1	variedade
		21.2	distr. espacial
		21.3	complementar.
		21.4	distr. temporal
22	conforto	21.1	higrotérmico
		21.2	luminoso
		21.3	sonoro
		21.4	qualidade do ar
23	custos	23.1	implantação
		23.2	manutenção
24	orientação identidade	24.1	orientabilidade
		24.2	identificabilidad
25	significado e simbolização	25.1	significado
		25.2	simbolização
26	afetos/sensações		
27	beleza e conservação/manutenção	27.1	lugar
		27.2	elementos
		27.3	conserv/manut

Legenda

RUIM				ÓTIMO
------	--	--	--	-------

Tabela 01 Resumo da avaliação dos itens da metodologia de Tenório (2012). Fonte: os autores.

#### 4. Recomendações e considerações finais

De maneira geral, foi observado que a Praça Cultural não apresenta grande presença de pessoas, não se consagrando como local de permanência cotidiana, abrigando apenas atividades eventuais noturnas. Apesar de bem integrado no tecido urbano, a funcionalidade do espaço não é tão diversificada; suas dimensões locais ora se encaminham para o desejável (nas variáveis topoceptiva, simbólica, estética e afetiva) ora para o indesejável (nas variáveis sociológica, funcional, bioclimática e econômica).

Logo, avaliou-se que este espaço tem baixo desempenho de atividades e nenhuma edificação dentro de seu perímetro, que caso fossem inseridas o tornaria mais bem-sucedido. A inserção de uma atividade que estabelecesse relação direta com o Rio Poti, por exemplo, causaria maior atratividade no período diurno. Essa proposição foi, inclusive, reivindicação do movimento do coletivo, mas não foi contemplada no projeto – o que existe é apenas uma escada que liga a margem ao rio. Outros pontos avaliados que dificultam a apropriação do lugar foram: os desníveis do espaço, que interrompem a circulação de pedestres e ciclistas; a pouca presença de bancos e vegetação que, se em maior quantidade, poderiam contribuir para o conforto dos usuários e os convidariam a permanecer.

A transformação em si foi um investimento bem-vindo, principalmente por ter sido realizada pelo poder público, que reconheceu seu papel na melhoria da cidade. Todavia, o bom desempenho do local ficou restrito a realização de eventos, não trazendo grandes melhorias para as pessoas que já transitavam por ali. O que se percebeu na prática foi uma preocupação do governo com a rápida execução para resposta ao anseio ou

pressão popular. Vê-se que, no contexto global, há aspectos avaliados como favoráveis, todavia, faltou sinergia no entendimento projetual quanto às interfaces do contexto local. Antes da tomada de decisões, poder-se-ia contemplar as potencialidades dos atributos da vizinhança e somá-los a uma exploração de atividades locais, que poderia tornar o lugar bem-sucedido. Algo que deveria acontecer para a projeção da terceira praça do Complexo Cultural da Ponte JK, a ser locada na outra margem do Rio Poti.

Conclui-se que coletivos e movimentos sociais à medida que questionam as dinâmicas da vida urbana têm força para provocar a transformação do espaço público. E o caso do Salve Rainha deixou uma herança não apenas artística, como também na política urbana da cidade de Teresina. Como destacou Moura (2019), o sentido de coletividade somado à visibilidade proporcionada e à mudança de perspectiva no espaço artístico contribuíram para “melhorar as relações de pertencimento com a cultura regional” e estimular ações governamentais. O coletivo tornou-se, dessa maneira, um agente transformador, social e urbano, para a capital piauiense. Resta ao governo usar os métodos e técnicas disponíveis para gerar conhecimento sobre os locais de intervenção e, assim, realmente alcançar seus objetivos de obter o melhor desempenho para a população, a partir desses investimentos.

## 5. Referências bibliográficas

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 292 p.

\_\_\_\_\_. (2018). Relatório 2017 de acompanhamento das metas do Plano Nacional da Cultura. Ministério da Cultura. Relatório. Brasília: DF. Disponível em: < <http://pnc.cultura.gov.br/wp-content/uploads/sites/16/2018/12/RELAT%C3%93RIO-COMPILADO-2017.pdf> >. Acesso em: 11 jan 2020.

CARDOSO, L. B. (2006). 162 f. Paisagem cultural do centro de Teresina/PI: significado dos seus elementos morfológicos. Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento Urbano. Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

CARTAXO, Z (2009). Arte nos espaços públicos: a cidade como realidade e a dimensão crítica da arte. O Percevejo. Rio de Janeiro, v. 1 fasc. 1, p. 1-16, jan./jun. 2009.

DURHAM, E. R (1984). A construção da cidadania. Novos Estudos CEBRAP. São Paulo, CEBRAP, nº 10, p 24-30.

ENTRE CULTURA (2016). Salve Rainha volta domingo embaixo da JK. Disponível em: <<http://entrecultura.com.br/2016/04/29/salve-rainha-volta-domingo-embaixo-da-jk/>>. Acesso em 30 nov. 2019

FORTUNA, C. (2002). Culturas urbanas e espaços públicos: Sobre as cidades e a emergência de um novo paradigma sociológico. Revista Crítica de Ciências Sociais [Online], n. 63. Disponível em: < <http://journals.openedition.org/rccs/1272> >. Acesso em: 16 jan. 2020

HALL, S (1997). A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. Educação e Realidade (Porto Alegre), n. 2, v. 22, p .5.

KOWARICK, L (1987). Movimentos urbanos no Brasil contemporâneo: uma análise da literatura. Revista Brasileira de Ciências Sociais (São Paulo), ANPOCS, v. 1, n. 3.

MOURA, A. P. (2019). Apropriações dos espaços da cidade: um olhar sobre as experiências do coletivo artístico “salve-rainha” em Teresina-PI. XV Enecult – Encontro de estudos multidisciplinares em cultura, Salvador, 1-3 agosto.

PAIM, C. T (2007). Práticas coletivas de artistas na América Latina contemporânea. In: Xxvii Annual Ilassa Student Conference on Latin America, 2007, Austin. Anais... Austin: Universidade do Texas. Disponível em: <<http://lanic.utexas.edu/project/etext/llilas/ilassa/2007/paim.pdf>> Acesso em: 10 jan 2020.

PORTAL O DIA. (2017). Ponte Juscelino Kubitschek ganha novas faixas e praça cultural. Disponível em: <<https://www.portalodia.com/noticias/teresina/ponte-juscelino-kubitschek-ganha-novas-faixas-e-praca-cultural-303983.html>>. Acesso em 30 nov. 2019

SERPA, A. (2014). O espaço público na cidade contemporânea. São Paulo: Contexto.

TENÓRIO, G. (2012). Ao desocupado em cima da ponte. Tese de Doutorado em Projeto e Planejamento Urbano e Regional. Universidade de Brasília, Brasília.

TERESINA (2008). Plano Diretor de Transporte e Mobilidade Urbana 2008. Disponível em <<http://semplan.35.193.186.134.xip.io/wp-content/uploads/sites/39/2017/03/PLANO-DIRETOR-DE-TRANSPORTE-E-MOBILIDADE-URBANA-DE-TERESINA.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2020.

\_\_\_\_\_ (2018). História de Teresina. Disponível em: <<http://semplan.teresina.pi.gov.br/historia-de-teresina/>>. Acesso em: 20 jan. 2020.

VILLAÇA, F. (2001). Espaço Intra-Urbano no Brasil. São Paulo, Studio Nobel.